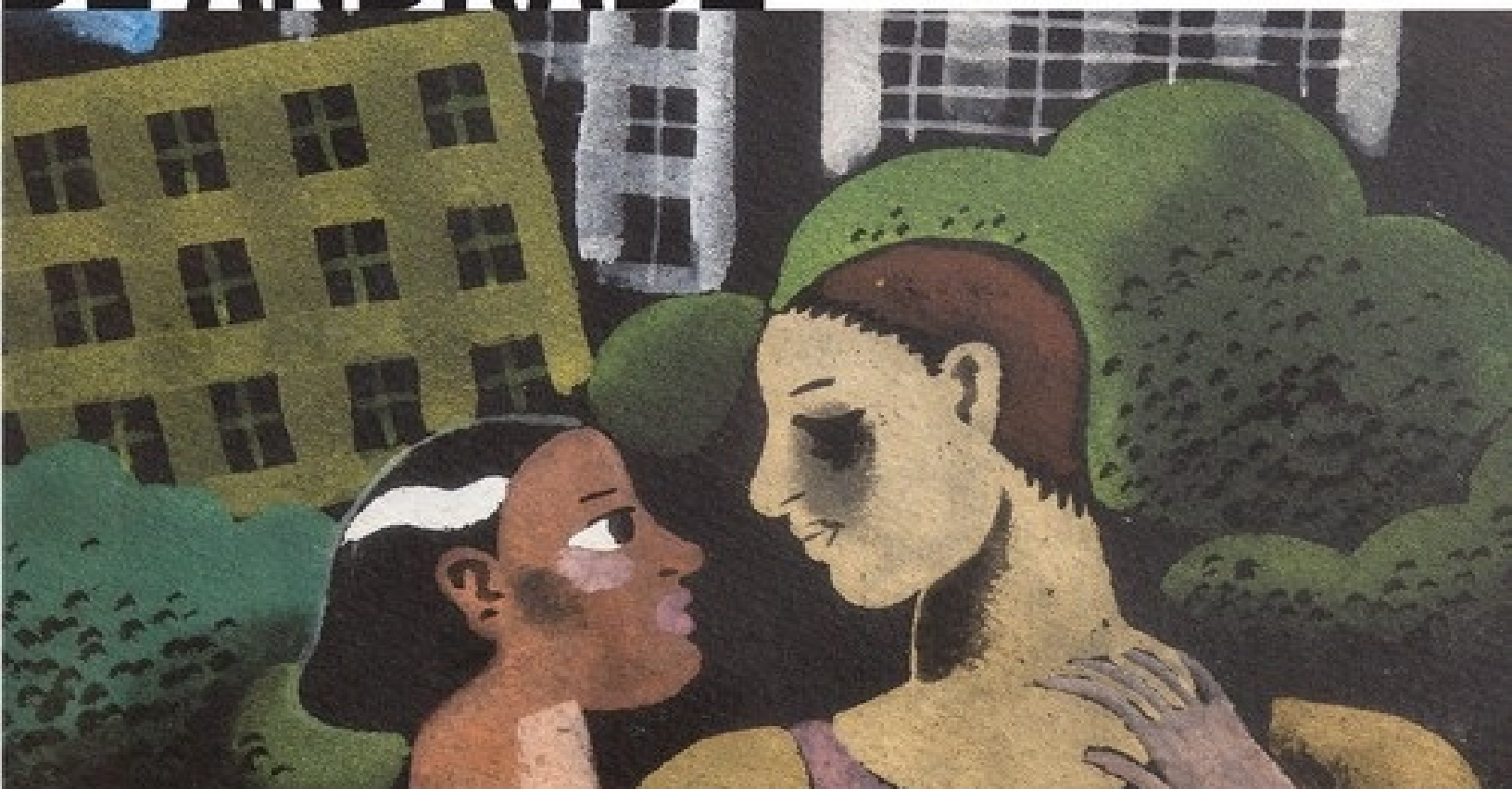


FAZENDEIRO DO AR

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE FAZENDEIRO DO AR

POSFÁCIO

Silviano Santiago

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Habilitação para a noite
No exemplar de um velho livro
Brinde no banquete das musas
Domicílio
O quarto em desordem
Retorno
Conclusão
A distribuição do tempo
Viagem de Américo Facó
Circulação do poeta
Conhecimento de Jorge de Lima
O enterrado vivo
Cemitérios
— Gabriel Soares
I — Campo-Maior
II — Doméstico
V — De bolso
7 — Errante
Morte de Neco Andrade
Estrambote melancólico
Eterno
Escada
Elegia
Canto órfico
A Luis Mauricio, infante

Posfácio
A mosca deglute a aranha,
SILVIANO SANTIAGO
Leituras recomendadas
Cronologia
Índice de primeiros versos

FAZENDEIRO DO AR

HABILITAÇÃO PARA A NOITE

Vai-me a vista assim baixando
ou a terra perde o lume?
Dos cem prismas de uma joia,
quantos há que não presumo.

Entre perfumes rastreio
esse bafo de cozinha.
Outra noite vem descendo
com seu bico de rapina.

E não quero ser dobrado
nem por astros nem por deuses,
polícia estrita do nada.

Quero de mim a sentença
como, até o fim, o desgaste
de suportar o meu rosto.

NO EXEMPLAR DE UM VELHO LIVRO

Neste brejo das almas
o que havia de inquieto
por sob as águas calmas!

Era um susto secreto,
eram furtivas palmas
batendo, louco inseto,

era um desejo obscuro
de modelar o vento,
eram setas no muro

e um grave sentimento
que hoje, verão maduro,
não punge, e me atormento.

BRINDE NO BANQUETE DAS MUSAS

Poesia, marulho e náusea,
poesia, canção suicida,
poesia, que recomeças
de outro mundo, noutra vida.

Deixaste-nos mais famintos,
poesia, comida estranha,
se nenhum pão te equivale:
a mosca deglute a aranha.

Poesia, sobre os princípios
e os vagos dons do universo:
em teu regaço incestuoso,
o belo câncer do verso.

Azul, em chama, o telúrio
reintegra a essência do poeta,
e o que é perdido se salva...
Poesia, morte secreta.

DOMICÍLIO

... O apartamento abria
janelas para o mundo. Crianças vinham
colher na maresia essas notícias
da vida por viver ou da inconsciente

saudade de nós mesmos. A pobreza
da terra era maior entre os metais
que a rua misturava a feios corpos,
duvidosos, na pressa. E do terraço

em solitude os ecos refluíam
e cada exílio em muitos se tornava
e outra cidade fora da cidade

na garra de um anzol ia subindo,
adunca pescaria, mal difuso,
problema de existir, amor sem uso.

O QUARTO EM DESORDEM

Na curva perigosa dos cinquenta
derrapei neste amor. Que dor! que pétala
sensível e secreta me atormenta
e me provoca à síntese da flor

que não se sabe como é feita: amor,
na quinta-essência da palavra, e mudo
de natural silêncio já não cabe
em tanto gesto de colher e amar

a nuvem que de ambígua se dilui
nesse objeto mais vago do que nuvem
e mais defeso, corpo! corpo, corpo,

verdade tão final, sede tão vária,
e esse cavalo solto pela cama,
a passear o peito de quem ama.

RETORNO

Meu ser em mim palpita como fora
do chumbo da atmosfera constritora.
Meu ser palpita em mim tal qual se fora
a mesma hora de abril, tornada agora.

Que face antiga já se não descora
lendo a efígie do corvo na da aurora?
Que aura mansa e feliz dança e redoura
meu existir, de morte imorredoura?

Sou eu nos meus vinte anos de lavoura
de sucos agressivos, que elabora
uma alquimia severa, a cada hora.

Sou eu ardendo em mim, sou eu embora
não me conheça mais na minha flora
que, fauna, me devora quanto é pura.

CONCLUSÃO

Os impactos de amor não são poesia
(tentaram ser: aspiração noturna).
A memória infantil e o outono pobre
vazam no verso de nossa urna diurna.

Que é poesia, o belo? Não é poesia,
e o que não é poesia não tem fala.
Nem o mistério em si nem velhos nomes
poesia são: coxa, fúria, cabala.

Então, desanimamos. Adeus, tudo!
A mala pronta, o corpo desprendido,
resta a alegria de estar só, e mudo.

De que se formam nossos poemas? Onde?
Que sonho envenenado lhes responde,
se o poeta é um ressentido, e o mais são nuvens?

A DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO

Um minuto, um minuto de esperança,
e depois tudo acaba. E toda crença
em ossos já se esvai. Só resta a mansa
decisão entre morte e indiferença.

Um minuto, não mais, que o tempo cansa,
e sofisma de amor não há que vença
este espinho, esta agulha, fina lança
a nos escavar na praia imensa.

Mais um minuto só, e chega tarde.
Mais um pouco de ti, que não te dobras,
e que eu me empurre a mim, que sou covarde.

Um minuto, e acabou. Relógio solto,
indistinta visão em céu revoltado,
um minuto me baste, e a minhas obras.

VIAGEM DE AMÉRICO FACÓ

Sombra mantuana, o poeta se encaminha
ao inframundo deserto, onde a corola
noturna desenrola seu mistério
fatal mas transcendente: àqueles paços

tecidos de pavor e argila cândida,
onde o amor se completa, despojado
da cinza dos contatos. Desta margem,
diviso, que se esfuma, a esquiva barca,

e aceno-lhe: Gentil, gentil espírito,
sereno quanto forte, que me ensinas
a arte de bem morrer, fonte de vida,

uniste o raro ao raro, e compuseste
de humano desacorde, isento, puro,
teu cântico sensual, flauta e celeste.

CIRCULAÇÃO DO POETA

Nesta manhã de traço fino e ardente,
passei, caro Facó, por tua casa.
Inda estavas dormindo (ou já dormias)
o sono mais perfeito, mas vagavas

na safira em que os seres se deliam,
entre pardais bicando luz, e pombas,
nesse contentamento vaporoso
que a vida exala quando já cumprida.

Senti tua presença maliciosa,
transfundida na cor, no espaço livre,
nos corpos nus que a praia convidava.

Não sabiam de ti, que eras um deles,
e levavam consigo, dom secreto,
uma negrinha em flor, um verso hermético.

CONHECIMENTO DE JORGE DE LIMA

Era a negra Fulô que nos chamava
de seu negro vergel. E eram trombetas,
salmos, carros de fogo, esses murmúrios
de Deus a seus eleitos, eram puras

canções de lavadeira ao pé da fonte,
era a fonte em si mesma, eram nostálgicas
emanações de infância e de futuro,
era um ai português desfeito em cana.

Era um fluir de essências e eram formas
além da cor terrestre e em volta ao homem,
era a invenção do amor no tempo atômico,

o consultório mítico e lunar
(poesia antes da luz e depois dela),
era Jorge de Lima e eram seus anjos.

O ENTERRADO VIVO

É sempre no passado aquele orgasmo,
é sempre no presente aquele duplo,
é sempre no futuro aquele pânico.

É sempre no meu peito aquela garra.
É sempre no meu tédio aquele aceno.
É sempre no meu sono aquela guerra.

É sempre no meu trato o amplo distrato.
Sempre na minha firma a antiga fúria.
Sempre no mesmo engano outro retrato.

É sempre nos meus pulos o limite.
É sempre nos meus lábios a estampilha.
É sempre no meu não aquele trauma.

Sempre no meu amor a noite rompe.
Sempre dentro de mim meu inimigo.
E sempre no meu sempre a mesma ausência.

CEMITÉRIOS

I — GABRIEL SOARES

O corpo enterrem-me em São Bento
na capela-mor com um letreiro que diga
Aqui jaz um pecador
Se eu morrer na Espanha ou no mar
mesmo assim lá estará minha campa
e meu letreiro
Não dobrem sinos por mim
e se façam apenas os sinais
por um pobre quando morre

No Cemitério de Batalhão os mortos do Jenipapo
não sofrem chuva nem sol; o telheiro os protege,
asa imóvel na ruína campeira.

O cão enterrado no quintal
Todas as memórias sepultadas nos ossos
A casa muda de dono
A casa — olha — foi destruída
A 30 metros no ar a guria vê a gravura de um cão
Que é isso mãezinha
e a mãe responde
Era um bicho daquele tempo
Ah que fabuloso

Do lado esquerdo carrego meus mortos.
Por isso caminho um pouco de banda.

Urna
que minha tia carregou pelo Brasil
com as cinzas de seu amor tornado incorruptível
misturado ao vestido preto, à saia branca, à boca morena
urna de cristal urna de silhão urna praieira urna oitocentista
urna molhada de lágrimas grossas e de chuva na estrada
urna bruta esculpida em paixão de andrade sem paz e sem remissão
vinte anos viajeira
urna urna urna
como um grito na pele da noite um lamento de bicho
talvez entretanto azul e com florinhas
urna a que me recolho para dormir enrodilhado
urna eu mesmo de minhas cinzas particulares.

MORTE DE NECO ANDRADE

QUANDO MATARAM

Neco Andrade, não pude sentir bastante emoção porque tinha de representar no teatrinho de amadores, e essa responsabilidade comprimia tudo.

A faca relumiou no campo — assim a vislumbrei, ao circular a notícia — e Neco, retorcendo-se, tombou do cavalo, e o assassino se curva para verificar a morte, e a tarde se enovela em vapores escuros, e desce a umidade.

Caminhei para o palco temeroso de não lembrar a frase longa e difícil que me cabia proferir. O mau amador vive roído de dúvidas. Receava a desaprovação do auditório, e sua prévia reflexão em mim já frustrava o gesto, já tolhia a produção do mais autêntico.

O CAVALO

erra alguns instantes na planície, dedicação sem alvo. O assassino pondera o entardecer. E vela os despojos, enquanto mede as possibilidades de fuga. Evêm aí os soldados, atraídos pelo vento, pelo grito final do Andrade, pela secreta abdicação do criminoso, que, na medula, se sabe perdido. Não podemos matar nosso patrão; de ventre vazado, ele se vingará.

O cadáver de Neco atravessa canhestramente o segundo ato, da esquerda para a direita, volta, hesita, sai, instala-se nos bastidores embaixo da escada. As deixas perdem-se, o diálogo atropela-se, Neco está se esvaindo em silêncio e eu, seu primo, não sei socorrê-lo.

O ASSASSINO

chega preso, a multidão acode à cadeia, todos o contemplam a um metro, nem isso, de distância. Joana roça-lhe a manga do paletó, sujo de terra. Está sentado, mudo. Na casa de Neco, em frente à ponte, luzes se armam em velório, e a escada é toda sonora de botas e botinas rinchando.

Agora o palco ficou vazio para caber a forma baia e ondulante que progride, esmagando palavras. Da montaria de Neco pendem as caçambas de Neco. Vai pisar em mim. Afastou-se, no trote deserto.

SERIA REMORSO

por me consagrar ao espetáculo quando já o sabia morto? Não, que o espetáculo é grande, e seduzia para além da ordem moral. E nossos ramos de família nem se davam. Pena de perdê-lo, nutrida de alguma velha lembrança particular, que floresce mesmo entre clãs adversários? Pena comum, que toda morte violenta faz germinar? Nem isso. Mas o ventre vazado, como se fosse eu que o vazasse, eu menino, desarmado. Intestinos de Neco, emaranhados, insolentes, à vista de estranhos. Vede o interior de um homem, a sede da cólera; aqui os prazeres criaram raiz, e o que é obscuro em nosso olhar encontra

explicação.

E TUDO

se desvenda: sou responsável pela morte de Neco e pelo crime de Augusto, pelo cavalo que foge e pelo coro de viúvas pranteando. Não posso representar mais; por todo o sempre e antes do nunca sou responsável, responsável, responsável, responsável. Como as pedras são responsáveis, e os anjos, principalmente os anjos, são responsáveis.

ESTRAMBOTE MELANCÓLICO

Tenho saudade de mim mesmo, saudade sob aparência de remorso, de tanto que não fui, a sós, a esmo, e de minha alta ausência em meu redor. Tenho horror, tenho pena de mim mesmo e tenho muitos outros sentimentos violentos. Mas se esquivam no inventário, e meu amor é triste como é vário, e sendo vário é um só. Tenho carinho por toda perda minha na corrente que de mortos a vivos me carrega e a mortos restitui o que era deles mas em mim se guardava. A estrela-d'alva penetra longamente seu espinho

(e cinco espinhos são) na minha mão.

ETERNO

E como ficou chato ser moderno.
Agora serei eterno.

Eterno! Eterno!
O Padre Eterno,
a vida eterna,
o fogo eterno.

(Le silence éternel de ces espaces infinis m'effraie.)

— *O que é eterno, Yayá Lindinha?*
— *Ingrato! é o amor que te tenho.*

Eternalidade eternite eternaltivamente
ternuávamos
eternissíssimo
A cada instante se criam novas categorias do eterno.

Eterna é a flor que se fana
se soube florir
é o menino recém-nascido
antes que lhe deem nome
e lhe comuniquem o sentimento do efêmero
é o gesto de enlaçar e beijar
na visita do amor às almas
eterno é tudo aquilo que vive uma fração de segundo
mas com tamanha intensidade que se petrifica e nenhuma força o resgata
é minha mãe em mim que a estou pensando
de tanto que a perdi de não pensá-la
é o que se pensa em nós se estamos loucos
é tudo que passou, porque passou
é tudo que não passa, pois não houve
eternas as palavras, eternos os pensamentos; e passageiras as obras.
Eterno, mas até quando? é esse marulho em nós de um mar profundo.
Naufragamos sem praia; e na solidão dos botos afundamos.
É tentação e vertigem; e também a pirueta dos ébrios.

Eternos! Eternos, miseravelmente.
O relógio no pulso é nosso confidente.

Mas não quero ser senão eterno.

Que os séculos apodreçam e não reste mais do que uma essência
ou nem isso.

E que eu desapareça mas fique este chão varrido onde pousou uma sombra
e que não fique o chão nem fique a sombra

mas que a precisão urgente de ser eterno boie como uma esponja no caos
e entre oceanos de nada

gere um ritmo.

ESCA DA

Na curva desta escada nos amamos,
nesta curva barroca nos perdemos.

O caprichoso esquema
unia formas vivas, entre ramas.

Lembras-te, carne? Um arrepio telepático
vibrou nos bens municipais, e dando volta
ao melhor de nós mesmos
deixou-nos sós, a esmo,
espetacularmente sós e desarmados,
que a nos amarmos tanto eis-nos morridos.

E mortos, e proscritos
de toda comunhão no século (esta espira
é testemunha, e conta), que restava
das línguas infinitas
que falávamos ou surdas se lambiam
no céu da boca sempre azul e oco?

Que restava de nós,
neste jardim ou nos arquivos, que restava
de nós, mas que restava, que restava?
Ai, nada mais restara,
que tudo mais, na alva,
se perdia, e contagiando o canto aos passarinhos
vinha até nós, podrido e trêmulo, anunciando
que amor fizera um novo testamento,
e suas prendas jaziam sem herdeiros
num pátio branco e áureo de laranjas.

Aqui se esgota o orvalho,
e de lembrar não há lembrança. Entrelaçados,
insistíamos em ser; mas nosso espectro,
submarino, à flor do tempo ia apontando,
e já noturnos, rotos, desossados,
nosso abraço doía
para além da matéria esparsa em números.

Asa que ofereceste o pouso raro

e dançarino e rotativo, cálculo,
 rosa grimpante e fina
que à terra nos prendias e furtavas,
 enquanto a reta insigne
 da torre ia lavrando
no campo desfolhado outras quimeras:
sem ti não somos mais o que antes éramos.

E se este lugar de exílio hoje passeia
faminta imaginação atada aos corvos
 de sua própria ceva,
 escada, ó assunção,
ao céu alças em vão o alvo pescoço,
que outros peitos em ti se beijariam
 sem sombra, e fugitivos,
mas nosso beijo e baba se incorporam
de há muito ao teu cimento, num lamento.

ELEGIA

Ganhei (perdi) meu dia.
E baixa a coisa fria
também chamada noite, e o frio ao frio
em bruma se entrelaça, num suspiro.

E me pergunto e me respiro
na fuga deste dia que era mil
para mim, que esperava
os grandes sóis violentos, me sentia
tão rico deste dia
e lá se foi secreto, ao serro frio.

Perdi minha alma à flor do dia ou já perdera
bem antes sua vaga pedraria?
Mas quando me perdi, se estou perdido
antes de haver nascido
e me nasci votado à perda
de frutos que não tenho nem colhia?

Gastei meu dia. Nele me perdi.
De tantas perdas uma clara via
por certo se abriria
de mim a mim, estela fria.
As árvores lá fora se meditam.
O inverno é quente em mim, que o estou berçando,
e em mim vai derretendo
este torrão de sal que está chorando.

Ah, chega de lamento e versos ditos
ao ouvido de alguém sem rosto e sem justiça,
ao ouvido do muro,
ao liso ouvido gotejante
de uma piscina que não sabe o tempo, e fia
seu tapete de água, distraída.

E vou me recolher
ao cofre de fantasmas, que a notícia
de perdidos lá não chegue nem açule
os olhos policiais do amor-vigia.

Não me procurem, que me perdi eu mesmo
como os homens se matam, e as enguias
à loca se recolhem, na água fria.

Dia,
espelho de projeto não vivido,
e contudo viver era tão flamas
na promessa dos deuses; e é tão ríspido
em meio aos oratórios já vazios
em que a alma barroca tenta confortar-se,
mas só vislumbra o frio noutro frio.

Meu Deus, essência estranha
ao vaso que me sinto, ou forma vã,
pois que, eu essência, não habito
vossa arquitetura imerecida;
meu Deus e meu conflito,
nem vos dou conta de mim nem desafio
as garras inefáveis: eis que assisto
a meu desmonte palmo a palmo e não me aflijo
de me tornar planície em que já pisam
servos e bois e militares em serviço
da sombra, e uma criança
que o tempo novo me anuncia e nega.

Terra a que me inclino sob o frio
de minha testa que se alonga,
e sinto mais presente quanto aspiro
em ti o fumo antigo dos parentes,
minha terra, me tens; e teu cativo
passeias brandamente
como ao que vai morrer se estende a vista
de espaços luminosos, intocáveis:
em mim o que resiste são teus poros.
Corto o frio da folha. Sou teu frio.

E sou meu próprio frio que me fecho
longe do amor desabitado e líquido,
amor em que me amaram, me feriram
sete vezes por dia em sete dias
de sete vidas de ouro,
amor, fonte de eterno frio,
minha pena deserta, ao fim de março,
amor, quem contaria?
E já não sei se é jogo, ou se poesia.

CANTO ÓRFICO

A dança já não soa,
a música deixou de ser palavra,
o cântico se alongou do movimento.
Orfeu, dividido, anda à procura
dessa unidade áurea, que perdemos.

Mundo desintegrado, tua essência
paira talvez na luz, mas neutra aos olhos
desaprendidos de ver; e sob a pele
que turva imporosidade nos limita?
De ti a ti, abismo; e nele os ecos
de uma prístina ciência, agora exangue.

Nem tua cifra sabemos; nem captá-la
dera poder de penetrar-te. Erra o mistério
em torno de seu núcleo. E restam poucos
encantamentos válidos. Talvez
um só e grave: tua ausência
ainda retumba em nós, e estremecemos,
que uma perda se forma desses ganhos.

Tua medida, o silêncio a cinge e quase a insculpe,
braços do não saber. Ó fabuloso
mudo paralítico surdo nato incógnito
na raiz da manhã que tarda, e tarde,
quando a linha do céu em nós se esfuma,
tornando-nos estrangeiros mais que estranhos.

No duelo das horas tua imagem
atravessa membranas sem que a sorte
se decida a escolher. As artes pétreas
recolhem-se a seus tardos movimentos.

Em vão: elas não podem.

Amplo

vazio

um espaço estelar espreita os signos
que se farão doçura, convivência,
espanto de existir, e mão completa

caminhando surpresa noutro corpo.

A música se embala no possível,
no finito redondo, em que se crispa
uma agonia moderna. O canto é branco,
foge a si mesmo, voos! palmas lentas
sobre o oceano estático: balanço
de anca terrestre, certa de morrer.

Orfeu, reúne-te! chama teus dispersos
e comovidos membros naturais,
e límpido reinaugura
o ritmo suficiente, que, nostálgico,
na nervura das folhas se limita,
quando não compõe no ar, que é todo frêmito,
uma espera de fustes, assombrada.

Orfeu, dá-nos teu número
de ouro, entre aparências
que vão do vão granito à linfa irônica.
Integra-nos, Orfeu, noutra mais densa
atmosfera do verso antes do canto,
do verso universo, latejante
no primeiro silêncio,
promessa de homem, contorno ainda improvável
de deuses a nascer, clara suspeita
de luz no céu sem pássaros,
vazio musical a ser povoado
pelo olhar da sibila, circunspecto.

Orfeu, que te chamamos, baixa ao tempo
e escuta:
só de ousar-se teu nome, já respira
a rosa trismegista, aberta ao mundo.

A LUIS MAURICIO, INFANTE

Acorda, Luis Mauricio. Vou te mostrar o mundo,
se é que não preferes vê-lo de teu reino profundo.

Despertando, Luis Mauricio, não chores mais que um tiquinho.
Se as crianças da América choram em coro, que seria, digamos, de teu vizinho?

Que seria de ti, Luis Mauricio, pranteando mais que o necessário?
Os olhos se inflamam depressa, e do mundo o espetáculo é vário

e pede ser visto e amado. É tão pouco, cinco sentidos.
Pois que sejam lépidos, Luis Mauricio, que sejam novos e comovidos.

E como há tempo para viver, Luis Mauricio, podes gastá-lo à janela
que dá para a *Justicia del Trabajo*, onde a imaginosa linha da hera

tenazmente compõe seu desenho, recobrando o que é feio, formal e triste.
Sucedede que chegou a primavera, menino, e o muro já não existe.

Admito que amo nos vegetais a carga de silêncio, Luis Mauricio.
Mas há que tentar o diálogo, quando a solidão é vício.

E agora, começa a crescer. Em poucas semanas um homem
se manifesta na boca, nos rins, na medalhinha do nome.

Já te vejo na proporção da cidade, nessa caminha em que dormes.
Dir-se-ia que só o anão de Harrods, hoje velho, entre garotos enormes,

conserva o disfarce da infância, como, na sua imobilidade,
à esquina de Córdoba e Florida, só aquele velho pendido e sentado,

de luvas e sobretudo, vê passar (é cego) o tempo que não enxergamos,
o tempo irreversível, o tempo estático, espaço vazio entre ramos.

O tempo — que fazer dele? Como adivinhar, Luis Mauricio,
o que cada hora traz em si de plenitude e sacrifício?

Hás de aprender o tempo, Luis Mauricio. E há de ser tua ciência
uma tão íntima conexão de ti mesmo e tua existência,

que ninguém suspeitará nada. E teu primeiro segredo
seja antes de alegria subterrânea que de soturno medo.

Aprenderás muitas leis, Luis Mauricio. Mas, se as esqueceres depressa,
outras mais altas descobrirás, e é então que a vida começa,

e recomeça, e a todo instante é outra: tudo é distinto de tudo,
e anda o silêncio, e fala o nevoento horizonte; e sabe guiar-nos o mundo.

Pois a linguagem planta suas árvores no homem e quer vê-las cobertas
de folhas, de signos, de obscuros sentimentos, e avenidas desertas

são apenas as que vemos sem ver, há pelo menos formigas
atarefadas, e pedras felizes ao sol, e projetos de cantigas

que alguém um dia cantará, Luis Mauricio. Procura deslindar o canto.
Ou antes, não procures. Ele se oferecerá sob forma de pranto
ou de riso. E te acompanhará, Luis Mauricio. E as palavras serão servas
de estranha majestade. É tudo estranho. Medita, por exemplo, as ervas,

enquanto és pequeno e teu instinto, solerte, festivamente se aventura
até o âmago das coisas. A que veio, que pode, quanto dura

essa discreta forma verde, entre formas? E imagina ser pensado
pela erva que pensas. Imagina um elo, uma afeição surda, um passado

articulando os bichos e suas visões, o mundo e seus problemas;
imagina o rei com suas angústias, o pobre com seus diademas,

imagina uma ordem nova; ainda que uma nova desordem, não será bela?
Imagina tudo: o povo, com sua música; o passarinho, com sua donzela;

o namorado, com seu espelho mágico; a namorada, com seu mistério;
a casa, com seu calor próprio; a despedida, com seu rosto sério;

o físico, o viajante, o afiador de facas, o italiano das sortes e seu realejo;
o poeta, sempre meio complicado; o perfume nativo das coisas e seu arpejo;

o menino que é teu irmão, e sua estouvada ciência
de olhos líquidos e azuis, feita de maliciosa inocência,

que ora viaja enigmas extraordinários; por tua vez, a pesquisa
há de solicitar-te um dia, mensagem perturbadora na brisa.

É preciso criar de novo, Luis Mauricio. Reinventar nagôs e latinos,

e as mais severas inscrições, e quantos ensinamentos e os modelos mais finos,

de tal maneira a vida nos excede e temos de enfrentá-la com poderosos recursos.
Mas seja humilde tua valentia. Repara que há veludo nos ursos.

Inconformados e prisioneiros, em Palermo, eles procuram o outro lado,
e na sua faminta inquietação algo se liberta da jaula e seu quadrado.

Detém-te. A grande flor do hipopótamo brota da água — nenúfar!
E dos dejetos do rinoceronte se alimentam os pássaros. E o açúcar

que dás na palma da mão à língua terna do cão adoça todos os animais.
Repara que autênticos, que fiéis a um estatuto sereno, e como são naturais.

É meio-dia, Luis Mauricio, hora belíssima entre todas,
pois, unindo e separando os crepúsculos, à sua luz se consumam as bodas

do vivo com o que já viveu ou vai viver, e a seu puríssimo raio
entre repuxos, os *chicos* e as *palomas* confraternizam na *Plaza de Mayo*.

Aqui me despeço e tenho por plenamente ensinado o teu ofício,
que de ti mesmo e em púrpura o aprendeste ao nascer, meu netinho Luis Mauricio.

Posfácio

A MOSCA DEGLUTE A ARANHA

Silviano Santiago

Na vasta obra de Carlos Drummond de Andrade, pela primeira vez um título de livro — *O fazendeiro do ar* (1954) — não revela de antemão o caminho mais adequado e rentável para se adentrar na leitura da coleção de poemas. O facho de luz que ilumina o livro e o entrega ao leitor vem de dois poemas de forma fixa, de dois sonetos que estão quase ao centro do livro: “Viagem de Américo Facó” e “Circulação do poeta”. Os sonetos homenageiam o cearense Américo Facó (Beberibe, 1885), falecido no Rio de Janeiro em 1953, onde sempre viveu. Funcionário público e jornalista, Facó era então o grande e obscuro poeta que, no entender de Drummond, “conciliava a sensibilidade moderna com o espírito clássico”.

Drummond dedicara o livro anterior, *Claro enigma* (1951), ao amigo Facó. E escrevera um notável ensaio, “Poesia nobre”, sobre a produção poética dele. O ensaio pode ser lido no livro *Passeios na ilha* (1952). Depois de exaltar três qualidades literárias salientes na obra de Facó — “a paciência, a obstinação e a indústria”, valores tomados de empréstimo aos antigos e aos franceses Stéphane Mallarmé e Paul Valéry —, Drummond escreve à guisa de conclusão: “sua lição deve impressionar pelo que encerra de luminosa humildade; o poeta não é portador do fogo sagrado, mas o precavido possuidor de uma lanterna de bolso, que abre caminho entre as trevas do dicionário”.

À tripla e substantiva homenagem pública, acrescenta-se uma página então desconhecida de *O observador no escritório*, diário íntimo do poeta que só será divulgado em livro no ano de 1985. A citação do diário será longa, mas esclarecedora do prestígio de Facó junto a Drummond nos anos 1950 e do profundo conhecimento que o cearense tinha da versificação clássica. O poeta mineiro confia:

... casa da rua Rumânia [no bairro de Laranjeiras], durante três noites, confiei-lhe [a Américo Facó] os originais do meu livro *Claro enigma* e ouvi suas opiniões de exímio versificador. Eu “convalescia” de uma amarga experiência política, e desejava que meus versos se mantivessem o mais possível distantes de qualquer ressentimento ou temor de desagradar os passionais da “poesia social”. Paciente e generoso, Facó passou um mínimo de nove horas, contando as três noites seguidas, a aturar minhas dúvidas e indecisões. Se não aceitei integralmente suas observações, a verdade é que as três vigílias me deram ânimo a prosseguir no rumo que me interessava. E me fizeram sentir a nobreza do seu espírito de autêntico homem de letras, mais preocupado com a linguagem e seus recursos estéticos que com a fácil vida literária das modas e dos “bares”.

Ainda tecnicamente despreparado para o empreendimento lírico que idealizava, Drummond recorreu ao saber do amigo sobre os subterrâneos da arte poética clássica. Na idade madura, Carlos Drummond quis poetar com competência no poço profundo, ou sem fundo (como disse Thomas Mann), da tradição ocidental. Simultaneamente, buscou dar voz à angustiante mudança que redirecionava sua postura estética e política. Contestou, então, o verso livre modernista. Leu e glosou os clássicos portugueses, como *Os lusíadas*.¹ Adotou metrificação, rima e forma fixa (soneto, por exemplo). E abandonou definitivamente a poesia com tonalidade partidária, tal como fora expressa nos poemas sociais de *A rosa do povo* (1945), de que o poema “Nosso tempo” seria bom exemplo.

Pelas homenagens públicas a Facó e pela confiança que ganhou letra impressa em 1985, concluímos hoje que o livro *O fazendeiro do ar* é primo-irmão de *Claro enigma* e rejeita o bastardo que atende pelo nome de *A rosa do povo*. Por esses problemáticos laços de família

é que a presente coleção de poemas se insere na dinâmica da produção poética de Drummond. Também nela se insere por dois versos jocosos do poema “Eterno”, que iriam virar bordão nas discussões sobre poesia: “E como ficou chato ser moderno./ Agora serei eterno”.

Lembremos, finalmente, outras palavras do poeta, agora as de que se serve para caracterizar a fase existencial que atravessa naqueles anos. Leia-se a crônica que dá título e abre o livro *Fala, amendoeira* (1957). Ao perder as folhas amarelecidas pelo tempo, a árvore — entrevista da janela do apartamento no bairro de Copacabana — ensina lição de dignidade ao autor do conhecido poema “Dentaduras duplas”. Sussurra-lhe: “Quero apenas que te outonizes² com paciência e doçura. O dardo de luz fere menos, a chuva dá às frutas seu definitivo sabor. As folhas caem, é certo, e os cabelos também, mas há alguma coisa de gracioso em tudo isso [...]”.

Entre o verão e o inverno, as estações violentas do ano, o gracioso e volátil outono já está figurado nos primeiros versos de *O fazendeiro do ar*: “Vai-me a vista assim baixando/ ou a terra perde o lume?”. Quem perde primeiro o brilho da vida, os olhos que registram ou o mundo que nos rege? O outono denuncia no rosto do poeta um “desgaste” difícil de ser suportado — lê-se no mesmo poema.

Várias aproximações da Morte — ou mortes concretas e várias, como a do amigo Facó e a de outro notável poeta, Jorge de Lima,³ e também a do primo Neco Andrade — se fundem e se confundem em *O fazendeiro do ar*. A mais indesejada das gentes talvez seja o tema dominante do livro, assim como o escurecer do dia e o consequente cair da noite tinham sido a nota decisiva de *Claro enigma*. Neste, recorde-se o poema “Dissolução”: “Escurece, e não me seduz/ tatear sequer uma lâmpada./ Pois que aprouve ao dia findar,/ aceito a noite”. Em *O fazendeiro do ar*, as regras canônicas do Parnaso (leia-se o poema “Canto órfico”) já tinham sido acatadas como fatalidade do outono, por isso o poeta se dedica a brindar a poesia como passou a entendê-la. No banquete das musas, ele pergunta se a poesia seria marulho e náusea? Ou se não seria canção suicida? Sem dúvida, a poesia é algo disso, mas será principalmente aquilo que o verso final do poema “Brinde no banquete das musas”, explicita:

esia, morte secreta.

Mais do que a ordenação da poesia pela morte e pelo seu sempiterno ruflar de asas, a nova coleção de poemas opera uma *inversão* definitiva no desenrolar da vida/poesia drummondiana, inversão essa expressa por belo, misterioso e exigente verso:

nosca deglute a aranha.

A imagem mais violenta no tratamento do tema da morte está num título de poema desta coleção — “O enterrado vivo” —, onde domina a voz subjetiva. Graças a ele e nele, o poeta se torna “o carrasco de si mesmo”, para retomar o título da peça do romano Terêncio e do célebre poema de Charles Baudelaire. Escreveu o francês: “*Tête-à-tête sombre et limpide/ Qu’un coeur devenu son miroir!*” [Conversa a dois, clara e sombria,/ Espelho que o coração em si procura]. O coração inventa seu próprio espelho para nele se refletir e com ele dialogar. Na poesia de Baudelaire, irrompe “*la conscience dans le mal*” [a consciência no mal].

Em Drummond, entra na arena da vida e da poesia o terrível e temível *inimigo de dentro* (*enemy within*, como se diz em inglês). Basta ir ao penúltimo verso de “O enterrado vivo”: “Sempre dentro de mim meu inimigo”.

O inimigo de dentro se veste de poeta crítico e, nas exigências da autocrítica, escreve novos e cruéis versos “No exemplar de um velho livro”. Ao reler na idade madura o antigo *Brejo das almas* (1934), o poeta outonal detecta “um grave sentimento/ que hoje, varão maduro,/ não punge, e me atormento”. Complemente-se a compreensão do tormento, que o toma frente à produção poética do passado, com o sentimento de horror de si mesmo que passa a confessar no poema “Estrambote melancólico”: “Tenho horror, tenho pena de mim mesmo/ e tenho muitos outros sentimentos/ violentos”.

Antecedendo ao João Cabral de Melo Neto de *Paisagens com figuras* (1956), onde se destaca a série extraordinária de poemas sobre cemitérios pernambucanos,⁴ Drummond se adentra com espantosa habilidade no universo multifacetado dos campos-santos brasileiros. Do longínquo passado colonial faz ressurgir a figura do navegador português Gabriel Soares de Souza, autor do *Tratado descritivo do Brasil* (1587). Em 1584, o audaz navegante desenha seu funeral no próprio testamento, “cazo que Deus se sirva de me levar para Si no mar ou em Espanha”. O enterrado vivo lusitano diz que quer seu “corpo enterrado em Sam Bento da dita Cidade [Salvador, Bahia] na Capella mor onde se porá huma campa com hum letreiro que diga aqui Jaz hum pecador”.⁵

Voltemos ao cemitério de Gabriel Soares, tal como *O fazendeiro do ar* o estampa:

corpo enterrem-me em São Bento
capela-mor com um letreiro que diga
|ui jaz um pecador
eu morrer na Espanha ou no mar
:simo assim lá estará minha campa
neu letreiro.

Por esse viés inesperado Drummond retoma a mineiridade barroca, que tinha sido contemplada de maneira admirável nos poemas de *Claro enigma*, na seção “Selo de Minas”, e nos conduz à explicação da expressão “fazendeiro do ar”, que já vinha sendo descrita, de maneira metafórica, na parte final do pungente poema “Os bens e o sangue”.⁶ Neste, o peso da herança familiar conflui para a escrita testamentária dos antigos e a redenção em vida do poeta se dá em louvor da morte heroica vivida pelos seus antepassados. Por “Os bens e o sangue”, ficamos também sabendo que o filho de cem anos depois — o fazendeiro do ar, se me permitem — não saberá viver segundo “a tábua da lei mineira de família”. Ou seja, se for fazendeiro o será “da terra”, pois não conhece os bois pelos seus nomes tradicionais nem reconhece suas cores marcadas em padrões eternos desde o Egito.

Para poder associar o poema “Gabriel Soares”, de *O fazendeiro do ar*, aos nitidamente barrocos do “Selo de Minas”, de *Claro Enigma*, ou ainda à “curva barroca” do poema “Escada” que se encontra nesta coleção, recorro às análises do historiador João José Reis.⁷ Ao estudar a atitude dos nossos antepassados em relação aos mortos e à morte, ele considera o local da sepultura como dado importante na identidade do morto e assinala que as circunstâncias em que a cerimônia se dá passam a ser também do interesse da pesquisa. Ao atar a ponta do local com as circunstâncias, Reis define o que é o “funeral barroco” [sic], em oposição ao funeral típico do século XIX, quando a cerimônia fúnebre passaria a ser

encenada em território empresarial. O “cemitério” eleito em testamento por Gabriel Soares é território religioso (uma capela beneditina) e o funeral se caracteriza pela pompa, pelo luxo do caixão, pela quantidade de oferendas etc. Situa-se no mesmo clima histórico de “Os bens e o sangue”.

Ao funeral barroco de Gabriel Soares, acrescentam-se outros mais modestos e ao gosto do poeta mineiro, como o “doméstico”, o “de bolso” e o “errante”. Em “De bolso”, retorna a questão dos antepassados: “Do lado esquerdo carrego meus mortos./ Por isso caminho um pouco da banda”. No entanto, é no poema “A distribuição do tempo”, que o poeta carregará a tinta na visão pessimista do mundo, de que parece não querer evadir-se. Escreve: “Um minuto, um minuto de esperança,/ e depois tudo acaba. E toda crença/ em ossos se esvai. Só resta a mansa/ decisão entre morte e indiferença”.

Embora outonal, o poeta Drummond não é homem que se compraz em chafurdar no pessimismo mais atroz. Como o mexicano Octavio Paz, sabe que “Quem viu a Esperança não a esquece. Procura-a debaixo de todos os céus e entre todos os homens”. Aos campos-santos de *O fazendeiro do ar*, o poeta tinha oposto o “Campo de flores”, título de um poema que está em *Claro enigma*, primo-irmão de *O fazendeiro do ar*, como estamos sinalizando. Em obediência ao cenário da sua poesia outonal, cenário colorido pela fala da amendoeira, Drummond tinha escrito naquele poema:

us me deu um amor no tempo de madureza,
ando os frutos ou não são colhidos ou sabem a verme.
us — ou foi talvez o Diabo — deu-me este amor maduro,
um e outro agradeço, pois tenho um amor.

Continua: “[...] porque me tocou um amor crepuscular,/ há que amar diferente”. Lá em *Claro enigma* o amor crepuscular; aqui em *O fazendeiro do ar* o poeta dá sequência ao campo de flores no belo soneto “O quarto em desordem”, reminiscente — pelo avesso, insista-se — do conhecido poema de Vinicius de Moraes intitulado “Soneto da separação”:

i curva perigosa dos cinquenta
rapei neste amor. Que dor!

Com paciência, obstinação e indústria, Drummond buscou e encontrou a dicção poética crepuscular. No entanto, é pelas frestas abertas pelo acaso que a vida apaixonada e o amor entram nos poemas da maturidade e os explodem pelo lado de dentro. Não há como, não há por que destrinchar o paradoxo que ata o que é *programado* ao que é *acaso* na fabulação poética em *O fazendeiro do ar*. Como diz o poema “Elegia”: “Ganhei (perdi) meu dia”.

O leitor terá de entregar-se ao delicado jogo de perde e ganha que, pelas cambalhotas que o amor nos prega, fez o enterrado vivo reganhar célere a força vital. O tecido humano não apenas espírito, lemos em “O quarto em desordem”: “[...] corpo! corpo, corpo, // verdade tão final, sede tão vária,/ e esse cavalo solto pela cama,/ a passear o peito de quem ama”.

A nota mais profunda de esperança se encontra no momento em que o pai se torna avô. Nasce em Buenos Aires o infante Luis Mauricio, seu neto, filho de Maria Julieta. Lemos: “Acorda, Luis Mauricio. Vou te mostrar o mundo,/ se é que não preferes vê-lo de teu reino profundo”. O avô retoma as lições que aprendeu com a amendoeira: “Admito que amo nos vegetais a carga de silêncio, Luis Mauricio./ Mas há que tentar o diálogo, quando a solidão

é vício”.

Para finalizar e fechar esta curta apresentação de *O fazendeiro do ar*, retomemos frases do já citado ensaio “Poesia nobre”, estudo sobre a produção de Américo Facó. Por interposta pessoa e por interposta poesia, o leitor descobrirá ou redescobrirá nesse texto o incentivo e a força que o poeta mineiro recebeu do cearense para prosseguir poetando de acordo com “o rumo que lhe interessava” nos anos 1950.

Em seus melhores momentos, a poesia brasileira não atingiu ainda altura superior à destas páginas [de Américo Facó], que vêm conciliar a sensibilidade moderna com o espírito clássico. Aqui, nada é fruto de um acaso feliz, mas de uma dedicação feliz. Esta poesia é vivida e meditada, ao mesmo tempo voluptuosa e depurada pelo filtro da inteligência, sem vício, porém, de intelectualismo. É movimento e contenção, devaneio regido, sabedoria, requinte, equilíbrio implícito. Toda a existência do poeta se consumiu na sua preparação.

1 A propósito, consulte-se “Camões e Drummond: A máquina do mundo”, de Silviano Santiago (*Hispania*, vol. XLIX, no 3, set. 1966, pp. 389-94).

2 O dicionário registra apenas o verbo “outonear/outonar”. “Outonizar-se” é, pois, neologismo criado pelo poeta. Daí o *estranhamento*, que lhe empresta força na leitura da crônica.

3 Num único verso Drummond apreende o parentesco entre Facó e Jorge de Lima, autor do poema épico *Invenção de Orfeu* e do hoje clássico “Essa negra Fulô”. Ele associa a dicção poética lusitana à forma mestiça brasileira: “era um aí português desfeito em cana”.

4 Como exemplo, leiam-se estes versos de Cabral sobre a miséria no mundo dominado pela morte e vida severina: “Nenhum dos mortos daqui/ vem vestido de caixão./ Portanto, eles não se enterram,/ são derramados no chão”.

5 As duas citações foram tomadas do *Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de Salvador* (1536-1732). Salvador: Tipografia Beneditina, 1945, p. 289. Preservou-se a grafia antiga.

6 Ler, em particular, as seções VII e VIII do poema.

7 *A morte é uma festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Leituras recomendadas

ANDRADE, Carlos Drummond de.
Passeios na ilha.
São Paulo: Cosac Naify, 2011.

———. *O observador no escritório*.
Rio de Janeiro: Record, 1985.

CAMILO, Vagner.
“O fazendeiro do ar e o legado da culpa”.
In: *Littérature et modernisation au Brésil*.
Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio.
“Rebelião e convenção”.
In: *O espírito e a letra (II)*.
São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Cronologia

- 1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.
- 1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.
- 1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.
- 1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.
- 1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.
- 1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.
- 1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, *habitués* da Livraria Alves e do Café Estrela.
- 1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.
- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.
- 1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.
- 1925 Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.
- 1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).

- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.
- 1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.
- 1931 Morre seu pai.
- 1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.
- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.
- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.
- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.
- 1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.
- 1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.
- 1944 Publica *Confissões de Minas*.
- 1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.
- 1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.

- 1947 É publicada a sua tradução de *Les liaisons dangereuses*, de Laclos.
- 1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos, a partir do seu poema “Viagem na família”.
- 1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.
- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 Publica *Claro enigma*, *Contos de aprendiz* e *A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.
- 1952 Publica *Passeios na ilha* e *Viola de bolso*.
- 1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.
- 1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les paysans*, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas “Imagens”, no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.
- 1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoadada*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.
- 1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La fugitive*, de Marcel Proust.
- 1957 Publica *Fala, amendoeira* e *Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.
- 1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.
- 1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.
- 1962 Publica *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L’oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.

- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.
- 1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.
- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the middle of the road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa, José & outros, Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema, Minas Gerais (Brasil, terra e alma), Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.
- 1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).
- 1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.
- 1971 Publica *Seleção em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.
- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.
- 1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita, Discurso de primavera* e *Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.
- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato* e *70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina. A PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.
- 1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.
- 1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida, En Rost at Folket* (Suécia), *The minus sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, téléphone et jeune fille...* (França).

- 1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The minus sign*.
- 1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.
- 1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.
- 1984 Publica *Boca de luar* e *Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica *Amar se aprende amando*, *O observador no escritório*, *História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).
- 1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the family*.
- 1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.

Índice de primeiros versos

Acorda, Luis Mauricio
A dança já não soa
Do lado esquerdo carrego meus mortos
E como ficou chato ser moderno
Era a negra Fulô que nos chamava
É sempre no passado aquele orgasmo
Ganhei (perdi) meu dia
Meu ser em mim palpita como fora
Na curva desta escada nos amamos
Na curva perigosa dos cinquenta
Nesta manhã de traço fino e ardente
Neste brejo das almas
No Cemitério de Batalhão os mortos do Jenipapo
... O apartamento abria
O cão enterrado no quintal
O corpo enterrem-me em São Bento
Os impactos de amor não são poesia
Poesia, marulho e náusea
Quando mataram
Sombra mantuana, o poeta se encaminha
Tenho saudade de mim mesmo, sau-
Um minuto, um minuto de esperança
Urna
Vai-me a vista assim baixando



CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

FAZENDEIRO
DO AR
&
POESIA
ATÉ AGORA

1. Capa da primeira edição de *Fazendeiro do ar e Poesia até agora* (1954).

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA



2. Lia Cavalcanti, com quem o poeta dialogava no programa "Quase memórias" da Rádio Ministério da Educação.

MARCEL PROUST

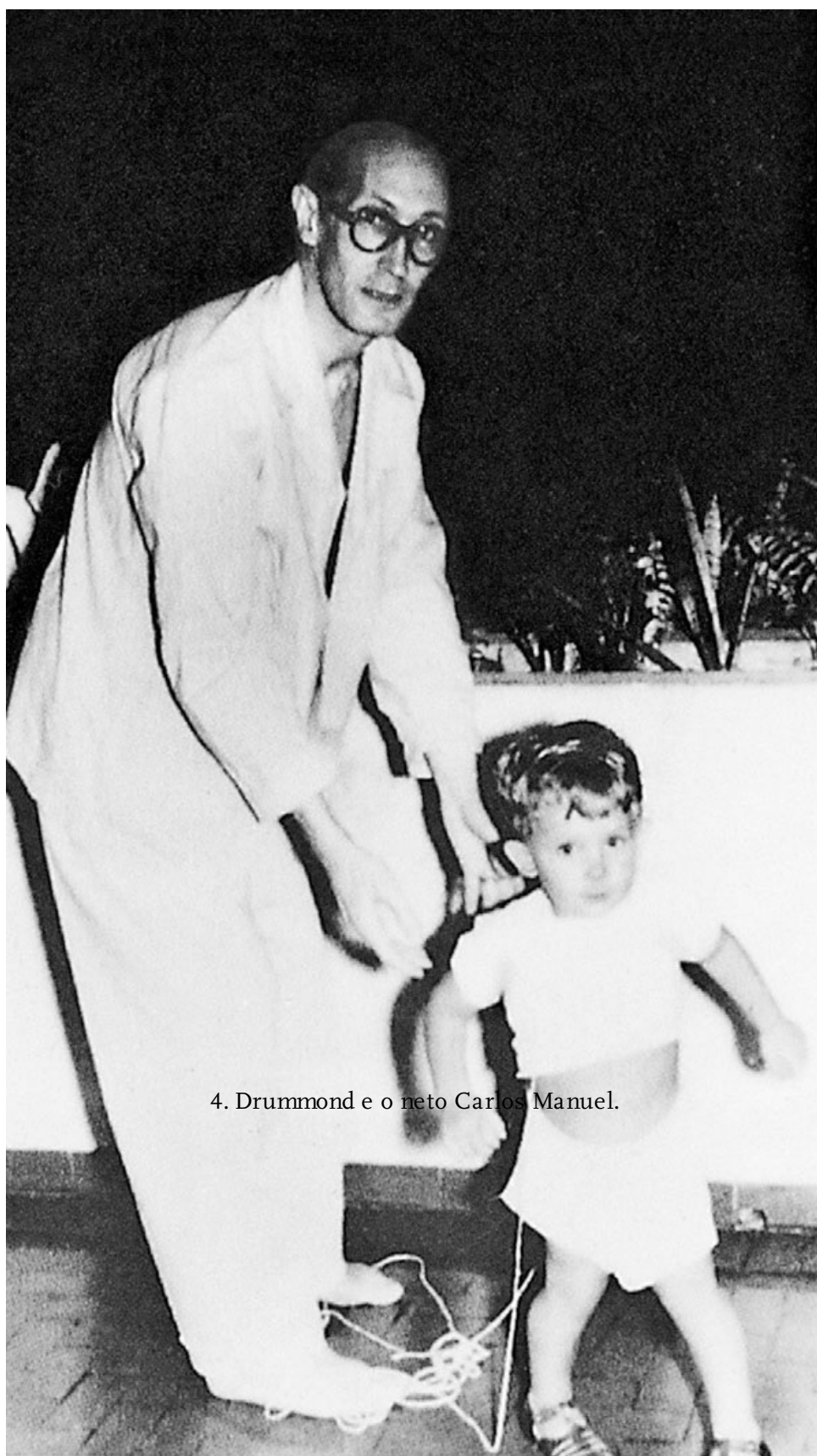
A Fugitiva

Tradução de
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



3. Capa de *A fugitiva*, de Marcel Proust, publicado pela Editora Globo com tradução de Drummond.

EDITORIA GLOBO
Rio de Janeiro — Pôrto Alegre — São Paulo



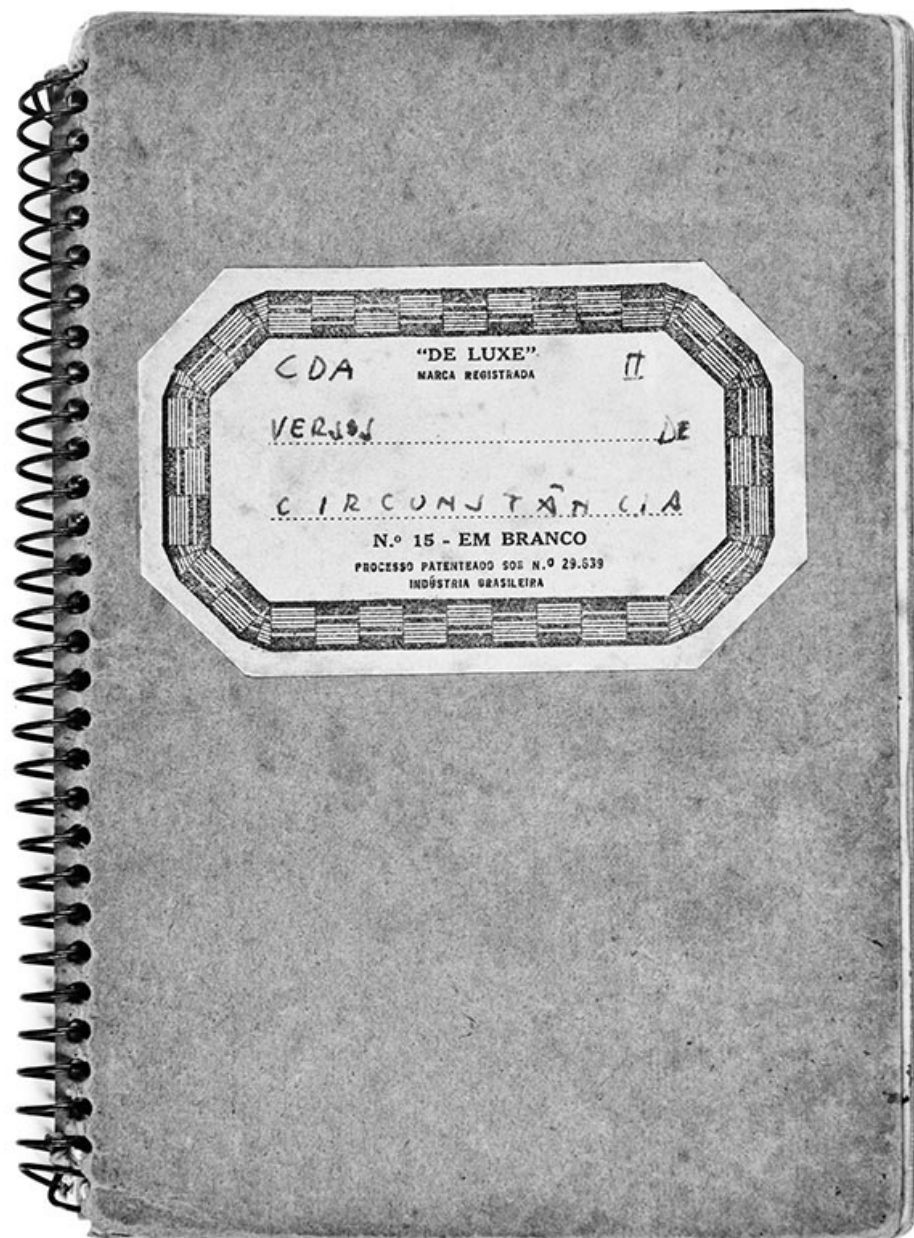
4. Drummond e o neto Carlos Manuel.



5. A família do escritor em setembro de 1955 em Buenos Aires: os netos Luis Mauricio (à esq.) e Carlos Manuel entre a mãe, Maria Julieta, e Dolores, a esposa de Drummond.



6. Carlos Drummond de Andrade com a esposa Dolores e o neto Luis Mauricio.



Dedicatória do "Fazendeiro do ar"
N. M. J.
e P. B.

Um vago fazendeiro do ar,
entre as nuvens de sua tenda,
contempla a tão maior fazenda,
que hinar extrairá do mar,

Terra onde a arte anseiosa, trigo
bem semeado, irá florescer.
(É a Paulo Bittencourt, amigo,
manifesta o seu sem guerra.)

*



9. O poeta autografa o LP *Poesias* (Selo Festa), de 1955.

Crédito das imagens

Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

1 e 3:

Acervo Decio de Almeida Prado/ Instituto Moreira Salles

2:

Cortesia de Elvia Bezerra. DR/ Família de Lia Cavalcanti

4, 5, 6, 7, 8 e 9:

Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro
sobre *O casal*, de Ismael Nery, s/d,
guache sobre cartão negro, 23 x 15 cm. Coleção particular.
Reprodução: Renato Parada.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO E REVISÃO FINAL

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Léo Rubens

REVISÃO

Jane Pessoa

Huendel Viana

ISBN 978-85-8086-526-4

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br